

ISA

Nº 60 Cr\$ 50,00

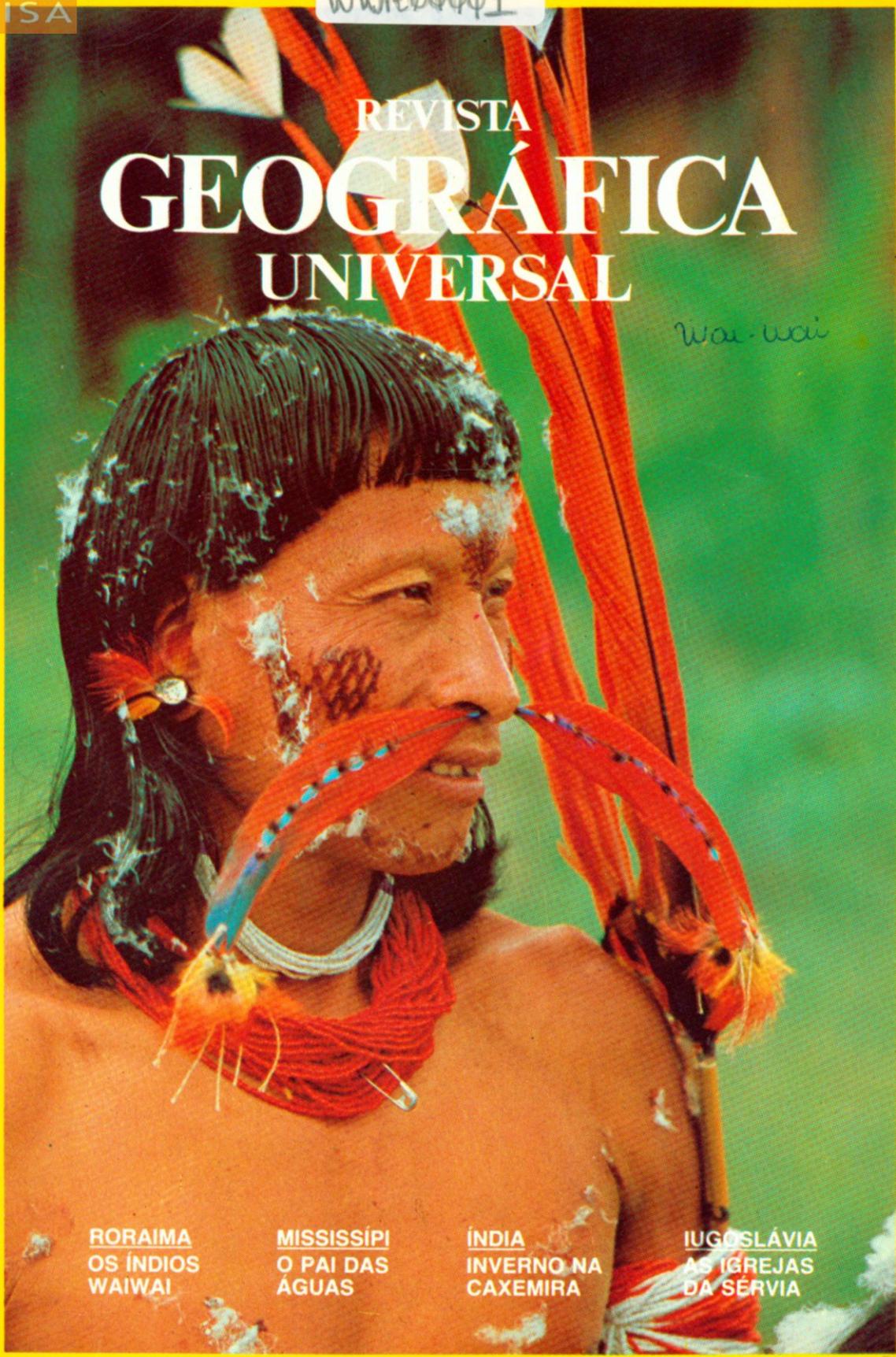
www.000001

NOVEMBRO 1979

REVISTA GEOGRÁFICA UNIVERSAL

wai-wai

Manaus, Rio Branco, Boa Vista, Porto Velho (via aérea), Cr\$ 60,00



RORAIMA
OS ÍNDIOS
WAIWAI

MISSISSÍPI
O PAI DAS
ÁGUAS

ÍNDIA
INVERNO NA
CAXEMIRA

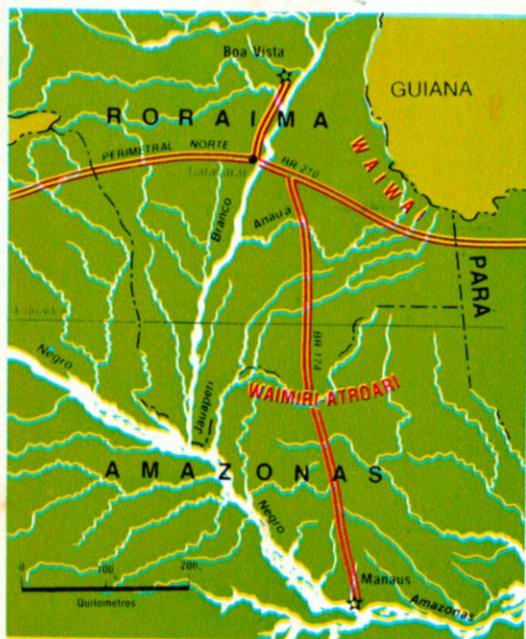
IUGOSLÁVIA
AS IGREJAS
DA SÉRVIA

PUBLICAÇÃO MENSAL DE BLOCH EDITORES PARA INFORMAÇÃO E CULTURA





Os Últimos Waiwai



Texto e fotografias de
WILLIAM FOGTMAN

ERA madrugada quando a kombi da Funai começou a levantar a poeira da BR-174, a famosa Estrada Manaus—Caracarái, levando-nos na primeira etapa da nossa viagem para a terra dos índios Waiwai, nas cabeceiras do rio Anauá, perto da fronteira do Brasil com a Guiana. Já conhecendo a Rodovia Transamazônica e outras estradas da região, eu não achava a BR-174 muito diferente até chegar ao quilômetro duzentos, início da Reserva Indígena dos Waimiri-Atroari. Depois de reabastecer no Posto Abonari, da Funai, seguimos tensos e apreensivos. Eu sentia que até o nosso motorista, já acostumado a passar pela reserva, estava nervoso; afinal, a estrada que estávamos atravessando já fora cenário de muitos massacres de índios e brancos. Não muito depois, paramos de novo, em outro posto da Funai, o Terraplenagem, e ao sair do carro fomos cercados por uns quinze índios Waimiri-Atroari, a maioria vestidos de calça e camisa e com o cabelo cortado como o dos caboclos do lugar. Todos estavam curiosos com a nossa presença, e explicamos que nos dirigíamos para a aldeia dos Waiwai, para



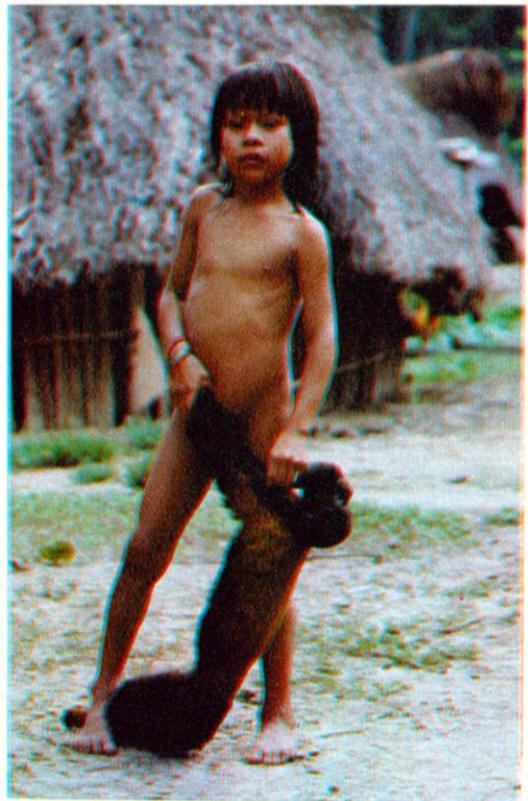
Funai, e fotografar o seu cotidiano. Eles demonstraram conhecer os Waiwái, e acharam que as nossas intenções eram boas. Ficamos sabendo que estes índios foram recentemente atraídos pela Funai, que lhes está ensinando português, na esperança de poder ajudar na pacificação dos Waimiri-Atroari, liderados pelo velho guerreiro Maroaga. Também tomamos conhecimento de que um dos seus tuxauas, Capitão Comprido, falecera recentemente, vítima de malária.

Depois de termos firmado a nossa posição de *jacunum-maré* — brancos bons —, um dos Waimiri-Atroari foi destacado para nos acompanhar na viagem até o rio Anauá. À tarde, já no Território de Roraima, cruzamos o equador, perto do quilômetro 350, onde o 6.º BEC do Exército, responsável pela construção da estrada, ergueu um monumento demarcando a linha de zero grau de latitude. Seguimos nosso caminho e, à noite, depois de quinze horas na dura estrada de terra, chegamos ao entroncamento com a Perimetral Norte, estrada que nos levaria ao rio Anauá.

No posto de gasolina encontramos duas turmas de americanos, que estavam descendo de jipe até a Patagônia. O dono da venda local é um ex-mercenário inglês, e informou-nos haver um homem que mora na Perimetral, junto à ponte do rio Anauá, e que estava no posto comprando mantimentos. Conversando com este homem, que usa o curioso apelido de Mistura, conseguimos leitos para a noite e uma canoa para nos levar até a aldeia.

No dia seguinte, ao sabermos que a canoa era pequena demais para os quatro membros da equipe e mais os 230 quilos de equipamento e bagagem, decidimos que eu subiria sozinho, e que chegando à aldeia pediria ao antropólogo da Funai que estava com os Waiwái para despachar outra canoa maior para os demais integrantes do grupo com o equipamento.

Por causa das chuvas, que vão de abril a julho, o rio estava bem acima do nível normal, e não tivemos muitos problemas com as cachoeiras e corredeiras. Só precisamos arrastar a canoa sobre as pedras duas vezes. Ao anoitecer, chegamos ao Extremo, um ponto no barranco do rio em que os castanheiros da região fizeram um tapiri para pernoitar durante as viagens. Por coincidência, uma turma de índios Waiwái estava acampando no lugar, acompanhada pelo antropólogo da Funai, Célio Horst. Os índios estavam caçando macacos e porcos-do-mato, e também colhiam castanhas-do-pará, para levar para a aldeia. Depois de saber que meus companheiros de equipe estavam esperando na Perimetral Nor-



Durante a festa organizada para comemorar a presença de visitantes na aldeia de Caxmi, os Waiwái saíram pela floresta batendo seus arcos e flechas para demonstrar alegria — página anterior. Ao alto, Fotó com as duas araras que caçou, e, em cima, uma menina levando um guariba caçado para a mãe preparar.

te, Célio providenciou que a canoa dos índios — bem maior e com um motor novo trazido por ele — descesse o Anauá para buscá-los no dia seguinte. Célio seguiu comigo até a aldeia, para ajudar no nosso trabalho.

Na manhã seguinte, despedimo-nos dos índios e seguimos nosso caminho debaixo de um temporal.

Depois de entrar no rio Novo, o afluente do Anauá onde vivem os Waiwai, enfrentamos duas cachoeiras, mais difíceis do que as do dia anterior, e uma hora depois, saindo de uma curva do rio, avistamos a aldeia, na sua margem direita. O ruído do motor atraiu os índios, na maior parte crianças, com as mulheres e velhos mantendo um pouco de distância. Célio explicava-me que a maioria dos homens estava fora da aldeia, caçando ou colhendo castanhas. À medida que a canoa ia aproximando-se, as malocas altas e de forma cônica foram dominando a paisagem. Já dava para ver que quase todas as crianças e todos os adultos usavam roupa, com predomínio das cores azul e vermelha. Os meninos estavam de calção, e os mais velhos também vestiam camisa ou camiseta. Célio já tinha avisado aos Waiwai sobre a chegada de estranhos que vinham tirar retratos deles, e por isso fui recebido pelo chefe de relações exteriores da aldeia, Kirphacá, e pelo sogro do líder espiritual, já que este estava fora. Alguns dos índios entendiam português a ponto de poder entabular uma conversa simples, e junto com Célio expliquei o que nós pretendíamos realizar em termos de pesquisa, observação e documentação fotocinematográfica da vida tribal dos Waiwai. Kirphacá prometeu que no culto de domingo ele e os tuxauas explicariam isto aos integrantes da aldeia inteira, para que todos colaborassem com nosso trabalho.

Como a equipe demoraria três dias para chegar, aproveitei o tempo livre para entrosarme um pouco com os Waiwai, andando por toda a aldeia junto com um dos meninos, que falava português, e eu fazia perguntas sempre que surgia alguma coisa interessante. Também passei muito tempo conversando com Célio Horst, e foi através dele que fiquei sabendo um pouco da história dos Waiwai.

Os Waiwai, junto com outros grupos do tronco lingüístico Karib, habitam a região das Guianas há pelo menos quatrocentos anos. As primeiras referências a seu respeito foram feitas pelo explorador inglês Robert Harcourt em 1613, e descreviam os Waiwai como um povo amável e gentil com os quais se podia conviver em segurança, sem medo de traição ou perigo. Em dezembro de 1837, outro explorador, R.H.

Schomburgk, encontrou 150 Waiwai vivendo em três aldeias, nas cabeceiras do rio Mapuera, no Pará, e no rio Essequibo, na Guiana. Mas, graças ao seu isolamento nas cabeceiras destes rios, os Waiwai tiveram o mínimo de contato com os civilizados até o início do nosso século. Nas primeiras décadas, uma série de guerras intertribais entre os Waiwai e os grupos Pariquotó (Parukotó), Tarumã e Carapayana resultou no enfraquecimento dos três primeiros e na extinção quase certa dos



Carapauyana. Os Pariquotó e Taruma tinham língua e costumes similares aos Waiwai, e alguns dos seus integrantes decidiram juntar-se a estes, para compor uma nova tribo, mantendo a denominação Waiwai.

Em 1945, Robert E. Hawkins e seus dois irmãos, missionários americanos da Unevangelized Fields Mission, contataram os Waiwai do rio Essequibo, e em três anos conseguiram decifrar sua língua e elaborar um alfabeto Waiwai para poder traduzir a Bíblia e pregar

os ensinamentos de Jesus para os indígenas. Em 1949, os Waiwai do rio Mapuera souberam que seus irmãos na Guiana hospedavam pessoas estranhas que diziam que o mundo acabaria numa fogueira enorme e que poderiam mostrar o caminho para a salvação e uma vida melhor. Curiosos e com medo do fogo, muitos Waiwai do Mapuera foram para a Guiana, para saber mais sobre estas pessoas.

Maravilhados com as pregações dos irmãos Hawkins, os Waiwai logo se acostumaram





Os Waiwai são excelentes artesãos: em cima, a queima da madeira para a construção de uma canoa e, na página seguinte, o barco já em fase de acabamento. Nas páginas 66-67, as três gerações da família de Yakutá, todos vestidos, conforme os ensinamentos da missão evangélica.

com a presença dos missionários, mas continuaram com as suas tradições de xamanismo e pajelança. Com o passar dos anos, porém, os esforços dos missionários começaram a surtir efeito. Os Waiwai só precisavam de um *ato mágico* para serem convertidos, o que aconteceu em 1955, através de uma aposta.

O pajé dos Waiwai, o jovem Ewka, possuía o espírito do porco, e por isso não podia caçar nem comer porco-do-mato, além de outros animais sagrados. Um dia, sabendo do fato, os missionários insistiram com Ewka que o porco era um animal como outro qualquer, e que não faria mal nenhum se ele comesse. Ewka garantia que a carne era proibida para ele, mas os missionários afirmaram que Jesus, seu salvador, o protegeria contra o espírito do porco, permitindo que ele comesse a carne do animal sem passar mal ou morrer. Ewka, disposto ao sacrifício para provar a superioridade do espírito, aceitou experimentar a carne, com a condição de que, se ele passasse mal ou morresse, os missionários deixariam a aldeia para sempre. Se não acontecesse nada, estaria provado

que Jesus realmente era mais forte que os espíritos dos Waiwai, e eles o aceitariam.

Ao passar o resto do dia sem sentir nada, Ewka foi forçado a admitir que Jesus era o mais forte, e, num gesto simbólico que mudaria profundamente a vida dos Waiwai, jogou todos os seus instrumentos de pajelança no rio e aceitou Cristo como seu salvador. Em pouco tempo, graças ao poder e prestígio de Ewka como líder natural dos Waiwai, todo o grupo se converteu.

Daí para a frente, os ensinamentos da Bíblia e dos missionários tomaram o lugar dos costumes, tradições, lendas e crenças que tinham passado de geração a geração. Os Waiwai, que segundo os missionários sempre viveram com medo dos maus espíritos e da pajelança vingativa, passaram a temer o pecado e a quebra de regras ditadas por uma cultura completamente diferente da sua. A transformação foi tão radical que os próprios Waiwai começaram a evangelizar as tribos da região, trazendo para Kanashen, sua aldeia principal e base da missão, famílias inteiras de índios Katuena, She-





reo e Hishcarana (Hixcaryana), todos do mesmo tronco lingüístico dos Waiwai (Karib) e os Mauayana, de língua Aruak. Todas estas tribos habitavam ao sul da serra do Acaraí, em Roraima e no Pará.

Como a missão tinha criado um alfabeto da língua Waiwai, ensinou-se a todos a falar e depois a escrever em Waiwai. Assim, à medida que iam sendo convertidos, também perdiam sua identidade tribal, incorporando-se à tribo Waiwai. E em poucos anos a população dos Waiwai aumentou de 170 para mais de seiscentos índios.

Em 1969, ao saber do massacre da expedição do Padre Calleri, a missão mandou três índios Waiwai, chefiados por Kirphacá, para contatar os Waimiri-Atroari, centenas de quilômetros ao sul, no Estado do Amazonas. O grupo pretendia não pacificar, como os católicos e a Funai, mas evangelizar os Waimiri-Atroari. Kirphacá conseguiu estabelecer uma promessa de amizade com os Atroari. Assim, quando em 1971 a missão foi expulsa da Guiana pelo novo governo socialista, Kirphacá e Yakutá, irmão de Ewka e também pastor dos Waiwai, lideraram a mudança de quinze famílias Waiwai para as cabeceiras do rio Anauá, no Território de Roraima, para estabelecer uma nova aldeia, mais perto dos Atroari. Os outros Waiwai retornaram ao berço original da tribo, no rio Mapuera, no Pará, e algumas famílias que





As mulheres Waiwai são especialistas na confecção de panelas de barro, que envernizam após a pintura — ao alto, no centro. A raspadeira de mandioca também é feita por elas — na página anterior e ao alto, duas fases da sua confecção. Em cima, a farinha sendo peneirada para fazer beiju, e, à esquerda, os beijus secando sobre uma maloca.



A cestaria é uma das várias atividades artesanais desenvolvidas pelos homens Waiwai — em cima. As crianças também participam bastante da vida familiar, ajudando as mães nas tarefas domésticas. Na página seguinte, uma menina cuida do irmão menor.



não tinham sido convertidas ficaram em Kanashen. Em 1976 morreu em Kanashen um índio de 65 anos, chamado Kumuyá; era o último Waiwai verdadeiro, sobrevivente das guerras com os Pariquotó e Tarumã no começo do século, e faleceu com problemas sanguíneos.

A missão seguiu com os Waiwai para o Brasil, adotando o nome de Missão Evangélica da Amazônia, MEVA, estabelecendo

bases em Mapuera e na aldeia Sauba, no rio Novo, afluente do Anauá. Em 1976, os Waiwai de Sauba decidiram descer o rio, para um lugar mais perto do rio Anauá, e estabeleceram a aldeia de Caxmi. E era na aldeia de Caxmi que o antropólogo da Funai me contava a triste história da morte cultural de sete nações indígenas. Depois, tive confirmações e esclarecimentos de todos estes dados com os líderes da aldeia, Kirphacá e



Yakutá, e dos próprios missionários, que orgulhosamente me contaram o episódio da famosa aposta que converteu os Waiwai.

Hoje, a aldeia de Caxmi tem 150 Waiwai, entre homens, mulheres e crianças. A maioria é Pariquotó, mas existem várias famílias Mauayana e Katuena, duas famílias Shereo e uma família Hishcarana. Embora os mais velhos lembrem das crenças do passado, todos evitam falar nisso, e os jovens só sabem

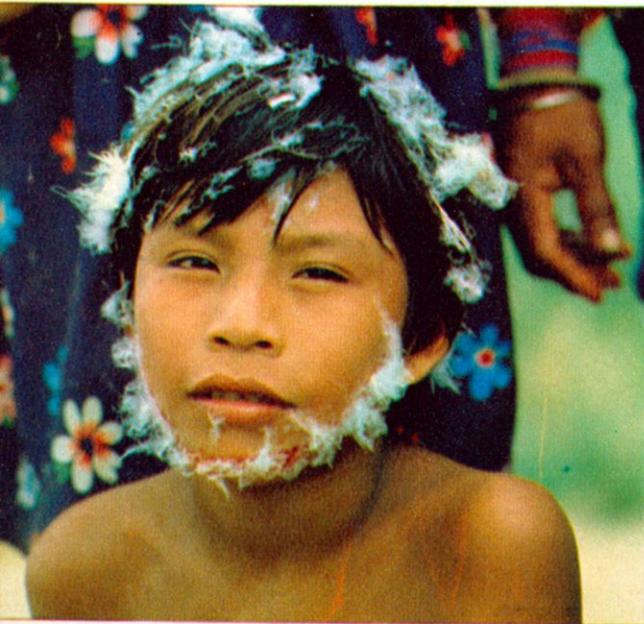
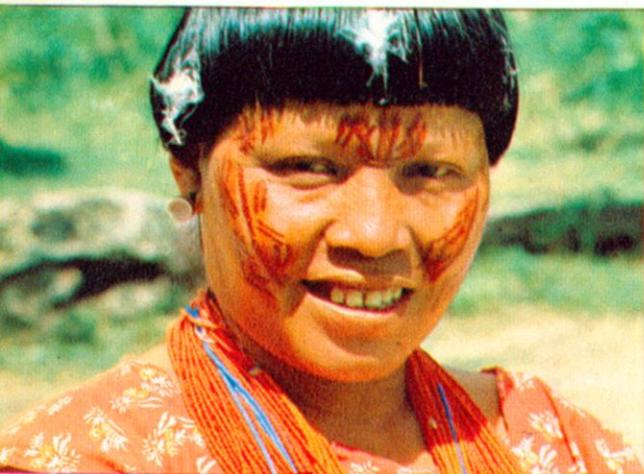


que antes da missão havia outros espíritos, mas não sabem quais, nem porquê. Porém, ainda se pode observar alguns traços dos velhos costumes. Várias vezes assisti a velhos aplicando o *sopro mágico* nas crianças doentes, para espantar o espírito da enfermidade. Outras vezes, acampando na mata com os índios, reparei que sempre pegavam uma folha de palmeira e a plantavam fora do acampamento, na direção do sol nascente. Célio explicou-me que isto os protegia contra os espíritos que habitavam a floresta de noite.

Hoje em dia, é difícil identificar que um Waiwai seja Pariquotó, Katuena ou de outra tribo. Até os Mauayana, de língua e costumes antes bem diferentes dos demais, agora são Waiwai por completo. Todos usam os mesmos adornos. Para os homens, colares grossos e curtos de miçangas vermelhas ou alaranjadas e brincos de madeira, ornados com um pedaço de concha ou espelho, e às vezes com penas de tucano. Dependendo do dia, alguns pintam o rosto com tinta de urucu ou jenipapo aplicada com uma palha fina, e podem usar uma série de enfeites de miçangas, como braçadeiras colocadas debaixo do joelho e no braço, pulseiras, cintos e outros adornos. As mulheres, sempre elegantes, vestem-se de vermelho e azul. Os seus colares são bem mais compridos do que os dos homens. Mas das mesmas cores. Algumas usam brincos iguais aos dos homens, e muitas têm braçadeiras nas pernas e braços, além de pintarem o rosto. As crianças podem andar sem enfeites, mas muitas imitam os pais.

Os cabelos merecem um cuidado especial, tanto dos homens como das mulheres. Os homens dão um corte na frente, formando uma franja, deixando-o comprido atrás. Dois dos Waiwai ainda amarram o cabelo colocando-o em uma taboca de bambu, mantendo um costume antes seguido por todos os homens. As mulheres também usam franja e o cabelo comprido atrás, solto ou em coque, costume antigo que a maioria ainda segue. As crianças usam o mesmo corte dos pais, mas pude notar que a maioria dos rapazes adolescentes já prefere pentear o cabelo como os castanheiros e caboclos da área, repartido no lado. Isto, junto com a ausência de colares, brincos e adornos, além do fato de sempre andarem de calça e camisa, indica o alto grau de aculturação que os Waiwai sofrerão já na próxima geração adulta.

Os Waiwai têm um curioso costume de espalhar penas brancas de gavião-real pelo cabelo e o rosto, sempre que estão felizes ou recebendo outros socialmente. Na minha permanência de cinco semanas, raramente nota-



va a ausência das penas, e isto só acontecia quando as pessoas iam trabalhar na roça ou caçar.

Os Waiwai mantêm uma agricultura rudimentar. Abrem um roçado com machado e facão, tocam fogo na derrubada várias vezes para depois aproveitar a terra para o plantio da mandioca, base da sua subsistência. Da mandioca eles tiram farinha, beiju e goma, um líquido de consistência grossa, feito do suco venenoso da raiz e depois fervido durante 24 horas para extração do veneno. Eles preferem a goma à água, que só tomam se estiverem com muita sede e não tiverem goma à mão. Há alguns anos, os Waiwai faziam várias bebidas fermentadas, entre as quais o caxiri, da mandioca, e um vinho tirado do cará. Durante as festas, eles bebiam até provocarem vômitos, para poder beber mais. A missão não aprovava este costume e conseguiu proibi-lo, mas até hoje os imensos caldeirões de barro estão perto das malocas, na esperança de algum dia poderem fermentar de novo suas bebidas.

Os Waiwai são excelentes artesãos, e passam o tempo livre fazendo os mais variados objetos. Os homens fabricam cestas de palha, pentes de espinha-de-palma, arcos e flechas, e redes de fibra ou algodão. As mulheres são especialistas em panelas de barro, pintando-as com desenhos geométricos em preto, e dando um acabamento brilhante com resina. Também fazem as raspadeiras de mandioca, utensílios usados para preparar farinha, beiju e goma, e que são uma obra de arte. A raspadeira é uma tábua de madeira larga, onde a mulher martela pedacinhos triangulares de pedra em linhas retas, até encher a parte central da tábua, um trabalho que exige muita paciência e que demora semanas. Depois ela pinta a tábua com uma mistura de urucu e goma, e faz os acabamentos com desenhos geométricos nos lados.

As crianças também são bastante criativas, e era comum vermos meninos de cinco a oito anos de idade brincando com aviõezinhos feitos de bambu e palha, com hélices que giram ao vento. Muitos garotos fazem arcos e flechas em miniaturas, e treinam pontaria nos pequenos igarapés, caçando peixinhos e caranguejos. As meninas passam o tempo ajudando as mães, cuidando dos irmãozinhos menores. Às vezes eu via uma menina de quatro ou cinco anos carregando uma criança de um ano nas costas ou no flanco, imitando as mães.

Perto do fim da nossa estada, os Waiwai fizeram uma festa. Shodewika, Kamo e outras festas do passado, que duravam dias ou até meses, cederam lugar a apenas duas festas



O uso de roupas pelos Waiwai foi um hábito trazido com a conversão ao protestantismo, mas os ornamentos do passado — principalmente as penas brancas de gavião-real no cabelo e no rosto — são conservados. Nas páginas 74-75, Fotó interpreta um índio estranho na peça apresentada durante a festa.

anuais, celebradas *curiosamente* a 25 de dezembro e na Páscoa, dias do nascimento e da ressurreição de Cristo. Este ano os Waiwai não tiveram a festa da Páscoa, porque estavam ocupados desmatando a terra para uma pista de pouso para os aviões da missão. Mas, aproveitando este fato e a nossa presença, decidiram fazer a festa mesmo fora da época.

No primeiro dia da festa, alguns homens se juntaram, às duas horas da madrugada, e partiram pelas várias trilhas de caça que saem da aldeia, à procura de macacos, porcos-domato, araras, mutuns e outros animais. Outros saíram para pegar fruta-de-palma, para fazer um caldo amargo que acompanha as comidas da festa. E as mulheres começaram bem cedo a preparar caldeirões de goma para ser consumida no dia seguinte.

De tarde, os homens voltaram da caça — na maioria, bem sucedida —, trazendo uma variedade enorme de macacos e aves. A reunião foi na maloca da Funai, e, quando todos estavam de volta, partiram em direção à maloca do tuxaua Emetá, patrocinador da festa. No

caminho batiam as flechas contra os arcos, dando gritos até chegar na frente da maloca, onde depositaram os frutos da caçada em cima de folhas de bananeira. As mulheres, nos seus melhores trajes, esperavam com beiju e goma. Yakutá, o líder espiritual, fez uma oração agradecendo a boa caçada, e depois todos comeram beiju com goma. No final a caça foi dividida igualmente entre as famílias, e todos voltaram para casa para preparar as comidas do dia seguinte.

De manhã cedo, Yakutá veio buscar-nos, pois a festa já ia começar. Chegando na maloca de Emetá, os homens estavam sentados todos juntos num quadrado, com panelas e caldeiras cheias de comida e goma. As mulheres sentadas afastadas dos homens, num semicírculo, de costas para eles. Todos estavam bem vestidos, com muitos adornos e penas de gavião-real na cabeça. Mamidiwa, outro pastor, liderou as orações de ação de graças, e depois todos começaram a comer.

O banquete demorou duas horas, e ao final os homens voltaram para suas malocas, pega-





Durante as festas não faltam comidas e bebidas, mas as mulheres comem separadas dos homens — em cima —, conforme o antigo costume. Na página anterior, um Waiwai bebendo goma, líquido de consistência grossa extraído da mandioca.

ram seus arcos e flechas e agruparam-se na floresta, saindo depois em fila indiana, gritando e batendo suas armas. Dava para sentir como deveria ter sido lindo este ritual no passado, mas a roupa que vestiam me lembrava que estes dias não voltarão mais para os Waiwai.

Os homens foram para a pista de pouso, onde tinham armado uma cruz de madeira na qual penduraram frutas. Numa brincadeira competitiva, todos tiveram sua oportunidade de acertar nas frutas com arco e flecha, e, curiosamente, os poucos homens que não tinham caçado no dia anterior não participaram do tiro ao alvo.

Depois, as mulheres improvisaram uma peça teatral, na qual diziam provir de uma tribo onde não existiam homens, e que tinham vindo para procurar maridos. Os homens riram muito e desfilaram para elas, para ajudá-las a escolher melhor. Houve outras brincadeiras com alguns índios imitando animais e caçadores, um correndo atrás do outro pela aldeia, fazendo a platéia Waiwai divertir-se bastante.

Entre uma brincadeira e outra, havia pausas de descanso, quando tomavam banho no rio.

De tarde, os homens decidiram retribuir a visita da *tribo de mulheres sem homens*, e nós presenciamos outra peça improvisada. Desta vez, eram os ferozes guerreiros Carapauyana à procura de esposas. Foi muito engraçado, mas via-se que todos estavam um pouco cansados, e que a festa ia terminar. De fato, depois da peça dos homens surgiu um grupo de tocadores de flauta, que dançou durante uns quinze minutos. Quando terminou a dança, a mulher de Yakutá ofereceu goma aos tocadores, e a festa acabou.

Terminava também a nossa estada com os Waiwai, já que três dias depois pegaríamos a canoa para descer o Anauá. Foram cinco semanas mágicas, com experiências profundas que nos marcaram muito. Caçamos com os Waiwai; assistimos à construção de malocas e canoas; tornamo-nos *irmãos* de uns, *filhos* de outros, e acabamos com a certeza de que muitas vezes no futuro sentiríamos saudades de nossa vida com os Waiwai. □